

## ***CENÁRIO ATUAL DA COOPERATIVA STIVE BIKO E PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO DOS PROBLEMAS***

A persistência e a resistência, características comuns entre os que lutam contra as adversidades raciais têm sido o alicerce de nossa entidade, pioneira no país, criada há sete anos e com mais de 100 alunos aprovados em universidades baianas. Especialmente neste ano de 1999 estamos enfrentado um dos períodos mais graves. A falta de recursos, somada a dívidas de locação, de serviços (luz, água e telefone) e trabalhistas, por exemplo, quase resultou no fechamento temporário de nossas atividades. Com muito esforço, conseguimos o apoio dos nossos sócios-contribuintes e da Universidade Estadual da Bahia (Uneb). Através desse esforço conseguimos saldar, quase que em 100%, nossas dívidas e passamos a ocupar, por um ano, as instalações do CEPAIA, um centro de estudos administrado pela Uneb, já que continuar pagando aluguel inviabilizaria nosso projeto.

No entanto, alguns problemas cíclicos, como a evasão escolar e a inadimplência dos estudantes, retornaram e, com isso, houve uma significativa queda nos recursos arrecadados mensalmente por nossa instituição. Se não bastasse, na próxima semana iremos nos reunir com a Reitora da Uneb, Ivete Sacramento, já que o convênio de uso de salas de aula do CEPAIA deverá ser alterado. Ou seja, teremos que desocupar as instalações do CEPAIA provavelmente antes do final do prazo previsto.

Sendo assim, estamos em vias de não termos onde funcionar, já que não dispomos de recursos para o pagamento de aluguel. Há algum tempo temos tentado, sem sucesso, que o Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural da Bahia (IPAC) nos ceda um imóvel no Pelourinho, onde poderemos ampliar de 60 para 200 a oferta de vagas.

Para contornar o problema de pagamento de professores e da evasão escolar ao invés de continuarmos com duas turmas, estamos funcionando com uma turma, reduzindo assim, em 50% os gastos com professores.

Esse cenário adverso nos deixa preocupados com relação as atividade previstas para o próximo ano, já que não podemos iniciar os projetos para seleção de alunos, nem de ampliação na oferta do número de vagas. Faz parte do nosso projeto, por exemplo, a promoção de cursos de capacitação desses estudantes para o mercado de trabalho.

Por isso temos elaborados projetos e mais projetos, visando o apoio financeiro de Ong's nacionais e internacionais. Atualmente estamos desenvolvendo outras atividades além do curso de pré-vestibular: um projeto de Cidadania, financiado pelo governo federal, através do Programa Comunidade Solidária e outro, através da CESE, para reestruturação da entidade. Outro projeto, aprovado pela Fundação Palmares, para curso de capacitação de educadores, aguardamos liberação dos recursos.

Já que o governo federal se mostra sensível e preocupado com os problemas decorrentes do racismo no país, acreditamos que ele poderia ser nosso aliado, e criar linhas de financiamento - a fundo perdido - aos cursos que têm perfil semelhante ao nosso: que fornecem cursos de pré-vestibular prioritariamente a comunidade negra e de baixa renda ou aprovando projetos já existentes no Congresso Nacional estabelecendo a



implantação de políticas públicas afirmativas aos afro-descendentes nas áreas de educação e trabalho, a exemplo da criação de um Fundo Nacional.

Cabe destacar que em decorrência da péssima qualidade do ensino público de primeiro e segundo graus, justamente o setor onde a comunidade dos afro-descendentes tem acesso a educação, nosso curso teve, por exemplo, que incluir no seu currículo a matéria de Matemática Básica. O nível dos estudantes, com raras exceções, é muito baixo. Esse fato é comprovado através da constatação de que muitos dos nossos alunos, às vésperas de ingressar na universidade, têm dificuldades em fazer provas com múltipla escolha e preencher as grades de respostas.

A cada ano nosso curso recebe um número cada vez maior de estudantes. Em 99, em decorrências das dificuldades que enfrentamos para manter o curso, nossa divulgação dos períodos de inscrição e de seleção, foi bastante deficiente. Mesmo assim foram feitas mais de 300 inscrições para 60 vagas. Uma mostra de que existe uma demanda muito grande a ser atendida em Salvador.

Essa incomoda realidade só reforça nossa disposição em continuar nosso trabalho. Mas defendemos a divisão das responsabilidades. Lutamos para que cursos semelhantes ao nosso, devam ser gratuitos, já que o desemprego e o fato de nossa clientela ser de famílias de baixa renda, afastam muitos estudantes aprovados na seleção. Muitos alunos não dispõem de R\$ 40,00 para pagar as mensalidades. Outros fazem a matrícula, demonstram interesse pelo estudo, mas em pouco mais de três meses de aula se tornam inadimplentes e muitos desistem de continuar estudando.

As mudanças da política educacional, para o ingresso nas universidades brasileiras nos preocupa já que, não sabemos da disposição do governo federal em aprovar, por exemplo, as propostas de criação de quotas para o terceiro grau no país, de um Fundo Nacional nem apresenta outra alternativa que contemple a comunidade afro-descendente, visando mudança no atual quadro sócio-econômico e educativo do país.

Salvador, 16 de setembro de 1999